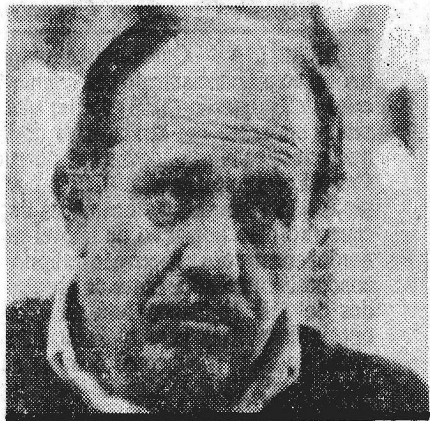




“Por que deveríamos ficar inertes vendo o governo não fazer nada até março?”

Rogério Werneck



“Em São Paulo, é difícil segurar as tarifas de ônibus por mais de 30 dias”

Paul Singer

Programa da Argentina tem poucas chances

Pelo menos até agora não há muitas esperanças entre os economistas que participaram do debate no JB de que o plano antiinflação argentino dê certo. Simonsen acha que primeiro precisa ficar claro que as idéias de Lawrence Klein, divulgadas na América Latina pelo grupo Bunge y Born, no qual trabalhavam o ministro Miguel Roig, que morreu, e o escolhido para substituí-lo, não têm a menor eficácia no combate à inflação. “Eu penso que ele estava fazendo um plano para sair de uma deflação”, brincou Simonsen. Outro esclarecimento feito pelos economistas é que as medidas já tomadas na Argentina não guardam, até agora, muita correlação com as idéias de Klein. Sobre o outro possível inspirador do plano, o economista Jeffrey Sachs, os economistas lembraram que sua proposta é que a Argentina não pague a dívida externa, coisa que o país está fazendo, não para atender a conselhos, mas por falta de reservas.

Simonsen relatou a conferência que assistiu há dois anos do Klein sobre seu plano. “Era muito mais que heterodoxo”, brincou Simonsen, buscando uma palavra para defini-lo melhor. “Era porraloxo”, sugeriu Rogério Werneck, provocando risadas. “O plano consistia na época no aumento imediato de todos os salários em 50% e numa desvalorização cambial imediata também de outros 50%. Ai concediam-se empréstimos às empresas com juros subsidiados para que as empresas não repassassem aos preços e baixavam a taxa de juros”. Como isto resultava em menos inflação é que parece discutível a Simonsen. “Na apresentação, neste momento, um grande vetor verde aparece, chamado credibilidade, e, subitamente, a inflação acabava, as exportações aumentavam, a produção crescia. Tudo acontecia”. Na hora das perguntas, contou Simonsen, como havia sido preparado um modelo com 250 equações, as respostas eram incompreensíveis: “Klein respondia que isto era a combinação da equação 1 e 18 com 37 e a 42”. Para Simonsen, com 200 equações tudo é possível. “Até provar que a lei da gravidade é proporcional ao inverso do cubo da distância vezes o quadrado”.

Mas o que a Argentina fez até agora nada tem a ver com este festival de equações. “A Argentina

fez um megatarifazzo, desvalorizou o câmbio, deu um pequeno abono e está tentando congelar preços e salários”, resumiu Simonsen. Até aí, a idéia não é nova na Argentina. O último ministro dos cinco que teve a ex-presidenta Isabelita Perón, concedeu grandes aumentos de tarifas e câmbio e tentou controlar preços e salários. “Foi o rodrigazzo”, lembra Bacha. Tudo o que se conseguiu foi levar a inflação a 45% ao mês e apressar a queda do governo.

Os aumentos concedidos nos preços públicos e no câmbio são uma brutal transferência de renda do setor privado para o setor público e para os exportadores, concluíram os economistas. A renda a mais dos exportadores acaba sendo repassada, em parte, para o governo, por causa do imposto de 30% sobre exportações. A Argentina, constatarem os economistas, tem um sistema tributário arcaico, com grande evasão de impostos, tanto que a maior receita tributária ainda vem das exportações. “O argentino faz o brasileiro parecer um suíço no trato com o fisco”, brincou Rogério Werneck.

Sem um eficiente cadastro de contribuintes fica difícil imaginar como vai funcionar a coleta do imposto de 4% sobre riqueza privada declarada criado pelo novo governo. Bacha falou sobre o complicado sistema de conversão de toda a dívida interna mobiliária para um novo título de 27 meses de prazo. Será a maneira de, ao mesmo tempo, alongar o perfil da dívida, dar uma pequena comida no valor dos papéis ao arbitrar a taxa de conversão e fornecer crédito para quem dependa do sistema bancário, porque parte desses títulos poderá ser monetizada. Os detalhes operacionais desse sistema ainda não são conhecidos, portanto há pouca possibilidade de se analisar agora sua eficiência.

Outras idéias que estão sendo colocadas em prática na Argentina são um mecanismo de independência do Banco Central, que está sendo bombardeado pelos peronistas, e uma privatização que não incluiu ainda empresas conhecidas. “Já há uma primeira reação dos grupos organizados nos sindicatos empresariais e de trabalhadores contra esta transferência de renda”, alertou Bacha. E isto por dois motivos: o abono salarial foi ridículo, de 8 mil austrais, ou US\$ 15. “Apenas um salva-vidas para os salários mais baixos”, como definiu Singer. O segundo motivo é o reflexo do aumento das tarifas no custo das empresas. “Uma empresa que usa óleo combustível, que subiu 600%, não pode congelar seus preços”, constata Werneck.